

<b>Periodicidade:</b> Diária	<b>Temática:</b> Diversos
<b>Classe:</b> Informação Geral	<b>Dimensão:</b> 1017
<b>Âmbito:</b> Nacional	<b>Imagem:</b> S/PB
<b>Tiragem:</b> 80000	<b>Página (s):</b> 29

## VISTO DE FORA

# Sobre a criação de um medidor do impacto social das organizações

Perante estes dois imperativos – responsabilidade social e medição –, surge um desafio de importância maior: combiná-los



Luis Valente Rosa

Destaco duas mudanças muito importantes que se apresentam à sociedade portuguesa. Em primeiro lugar, a valorização do conceito de “responsabilidade” na gestão das organizações e da sociedade em geral, fazendo crescer a importância do sector social na economia. Assim, a eficiência, que na esfera das empresas é normalmente identificada com o lucro, tem vindo a sofrer uma ampliação de perspectiva quer transversal – na medida em que passou a incluir todos os stakeholders envolvidos e não só os shareholders – quer longitudinal, na medida em que se refor-

çou a preocupação com a sustentabilidade futura, social e ambiental.

A emergência da responsabilidade social deve-se, assim, ao facto de ser cada vez mais frequente as organizações procurarem um desenvolvimento integrado com os seus principais stakeholders, ou seja, com aqueles que são afectados pela sua actividade: shareholders, colaboradores, fornecedores, clientes, comunidade envolvente, meio ambiente. Esta atitude traduz a consciência do dever de privilegiar uma visão social, global e de longo prazo em detrimento da habitual visão economicista, limitada e de curto prazo, criando assim o que veio a designar-se por “valor partilhado”, beneficiando todos os envolvidos, incluindo os shareholders (através de um retorno financeiro cada vez mais reconhecido).

Em segundo lugar, destaco a consciência progressiva da necessidade de quantificação. É cada vez mais evidente a importância de medir a realidade que nos rodeia, de conhecer a respectiva informação estatística e de saber analisá-la e

compreendê-la. Felizmente, já vão longe os tempos em que se tinha orgulho em desprezar os “números” e se apoiava um conhecimento parcial, subjectivo, baseado em experiências pessoais à margem dos factos. De certa forma, produzir informação estatística global é uma forma de convivermos de perto com todo o universo a que essas estatísticas dizem respeito. Por outro lado, a medição permite ainda a comparabilidade, requisito indispensável num mundo cada vez mais global e competitivo. Penso que o pioneirismo da Pordata – e a sua unicidade, a nível mundial – foi fundamental para este desenvolvimento em Portugal.

Perante estes dois imperativos – responsabilidade social e medição –, surge um desafio de importância maior: combiná-los. O que significa, na prática, medir o sector social e, mais especificamente, o impacto social das organizações, pois (como diz um relatório de 2004 ligado à Fundação Rockefeller) “um padrão comparável para o impacto social ainda não existe”.

Assim, para que as organizações possam apresentar, dentro de dez ou 20 anos, um indicador fiável do seu impacto social junto dos seus stakeholders, é necessário que se criem metodologias que permitam não só a medição quantitativa desse impacto como a comparabilidade dessa medida, quaisquer que sejam as organizações – com ou sem fins lucrativos, deste ou daquele sector – e quaisquer que sejam os países. Para além de medir, é também necessário que as organizações melhorem o seu impacto social, pelo que um medidor completo, objectivo e quantitativo do impacto social das organizações não é apenas um fim em si mesmo, mas também um meio para atingir um fim de maior amplitude que é o de melhorar o impacto social (incluindo o ambiental) atingido, entendendo por impacto social o resultado da mudança, junto de seres humanos ou do ambiente, que apresenta garantias de perenidade para a sociedade na qual vivemos.

Partner da Social Data Lab

As empresas procuram um desenvolvimento integrado com os que são afectados pela sua actividade

Para além de medir, é também necessário que as organizações melhorem o seu impacto social



É preciso privilegiar uma visão social em detrimento da habitual visão economicista